

PEREIRA; Carlos Alexandre Rodrigues¹

RESUMO

Cuidado em saúde é prática anterior à sistematização da medicina e das demais profissões de saúde que conhecemos hoje. Dos sistemas originários em África, muito se perdeu devido ao processo de escravização e ao processo histórico de marginalização dos saberes e culturas africanas. Partindo do saber preservado, torna-se necessário o trabalho de resgate das bases da medicina tradicional africana e de identificação do seu legado à cultura brasileira, principalmente no que se refere aos cuidados alternativos e complementares em saúde. Sendo assim, este ensaio foi construído com o objetivo de incitar o debate e agregar informações que possam contribuir para o resgate e promoção dos conhecimentos sobre cuidado em saúde originários de África, organizados e utilizados na forma de sistemas tradicionais de medicina. Da mesma forma, espera-se ressaltar a contribuição do saber africano para a formação da cultura popular brasileira atual de cuidado alternativo em saúde. Para isso, foi feita pesquisa documental descritiva e exploratória de abordagem qualitativa. Desta pesquisa, encontrou-se que quando falamos de sistema tradicional de medicina africana, estamos falando do conjunto de conhecimentos, práticas e técnicas que os povos do continente africano desenvolveram anteriormente ao surgimento da medicina moderna. Trata-se de um complexo de sistemas que em muito dão base ao que hoje chamamos de fitoterapia, sendo indissociável à cultura ancestral da ligação harmoniosa com ambiente e com os recursos naturais. No pensamento africano de cuidado em saúde, não se buscava apenas a recuperação do corpo físico, mas sim o equilíbrio entre a pessoa, o ambiente e o mundo energético, promovendo sua reintegração na vida da comunidade. Como existem diferentes culturas em África, de certo, havia diferentes sistemas de medicina em prática antes do período colonial, em épocas de África livre sem influência da cultura europeia e da disseminação do cristianismo e do islamismo em seu território. Contudo, há traços culturais compartilhados por esses sistemas, como a ligação com a natureza e uso de recursos naturais, o que permite reunir em uma única nomenclatura sistemas tão diversos. Outra característica comum de sistemas médicos tradicionais em África é o entendimento da complexidade do ser, que possui, além do corpo físico, corpos sutis. É por isso que, em muitos casos, a explicação da doença e a busca do tratamento ultrapassava a fronteira dos recursos físicos, atingindo níveis energéticos. Daí uma interpretação equivocada e superficial da prática médica africana tradicional como sendo de natureza religiosa, exercida apenas por sacerdotes ou sacerdotisas que operavam intermediados por entidades espirituais. Contudo, é fato que, por meio dos grupos espiritualistas e religiosos fundados aqui no Brasil foi possível conservar o saber da medicina tradicional africana. Acredita-se, ainda, que entre os remanescentes quilombolas muito desse saber esteja preservado também. Mas embora as tradições tenham sido preservadas e reproduzidas ao longo do tempo, sabe-se que a cultura ocidental tem cada vez mais adentrado esses espaços sagrados e comunitários da herança africana no Brasil. Um caminho viável para conhecer o legado dos vários sistemas de medicina tradicional de África trazidos ao Brasil e compreender o seu impacto na cultura popular brasileira de cuidado em saúde, é encontrar e dialogar com os Griôs de ancestralidade africana. Griôs são pessoas que trazem o legado cultural, social, médico e religioso de sua ancestralidade, tornando-se referência em suas comunidades; se o legado da sabedoria africana é perpetuado por meio da tradição

oral, os Griôs são as pontes que promovem o contato da comunidade com esse saber. Sendo assim, benzedeiras, rezadores, parteiras, mestres de capoeira, pais e mães de santo, raizeiros, jongueiros, líderes comunitários, por exemplo, podem desempenhar esse papel de Griô em suas comunidades. E possível encontrá-los nos remanescentes de quilombo e nas favelas, nos grupos de cultura e dança afro-brasileira como Jongo, Ciranda, Coco, Maracatu, Capoeira, Congado, Carimbó, Ijexá, por exemplo, e nas espiritualidades de matriz africana, como Candomblé, Candomblé de Angola, Umbanda, Tambor de Mina, Xangô e Batuque. Ao longo dos estudos e da elaboração deste pequeno ensaio, percebemos que muito do que conhecemos e utilizamos hoje no Brasil como práticas alternativas de cuidado em saúde, também chamadas de práticas integrativas e complementares, em especial a fitoterapia, são heranças dos povos indígenas e dos povos africanos. É a partir desta afirmação que devemos reorientar nosso debate e (re)escrever nossos saberes sob nova perspectiva, apoiada nos saberes locais e na trajetória dos povos que construíram nossa sociedade, mas que ficaram à margem da História até então narrada e conhecida.

PALAVRAS-CHAVE: sistemas tradicionais de medicina; cultura africana; cultura afro-diaspórica; práticas integrativas e complementares em saúde; tecnologia cultural.